

LINGUASAGEM

A LINGUÍSTICA POPULAR NO BRASIL¹

Entrevista com Roberto Leiser Baronas²

RESUMO

Nesta entrevista, o professor Roberto Baronas, cofundador e atual vice-coordenador do Grupo de Trabalho (GT) de *Linguística Popular*, da *Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística* (ANPOLL), aborda os objetivos comuns dos membros deste GT no que diz respeito à análise e descrição do conhecimento linguístico produzido por não-especialistas no Brasil. Nessa conversa, o entrevistado destaca a missão do grupo de tornar a linguística mais acessível para o público em geral e trata da divulgação de saberes linguísticos produzidos tanto por leigos quanto por especialistas e as suas formas de circulação contemporâneas. Para tanto, discute-se na entrevista a importância da utilização de Plataformas Digitais para promover debates e disseminar produções acadêmicas, alcançando e engajando um público mais vasto. Por fim, a entrevista trata das perspectivas futuras do GT de Linguística Popular, como a realização de eventos e a proposição de estratégias para melhor promoção dessa área de conhecimento no Brasil, de maneira inclusiva e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística popular; Divulgação científica; ANPOLL.

ABSTRACT

In this interview, Professor Roberto Baronas, co-founder and current coordinator of the Popular Linguistics Working Group (GT) of the *National Association of Graduate Studies and Research in Literature and Linguistics* (ANPOLL), discusses the common goals of the members of this GT regarding the analysis and description of linguistic knowledge produced by non-specialists in Brazil. In this conversation, the interviewee highlights the group's mission to make linguistics more accessible and discusses the dissemination of linguistic knowledge produced by both laypeople and specialists and its contemporary forms of circulation. To this end, the interview

¹ Entrevista concedida no dia 11 de dezembro de 2023, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Alice Rulli Araujo, Damaris de Souza Lages, Ester Fernandes de Oliveira, Gabriela Nogueira Barbosa, Julia da Costa Santos, Michelle Silva Veloso Bueno, Raphaella Moralez Magrini Staine, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário do Araguaia (1994) e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Araraquara (2003), sob a orientação de Edna Fernandes dos Santos Nascimento. Com apoio de bolsa PDEE/CAPES, fez doutorado sanduíche na Université Paris Est – Créteil – França, no Centro de Estudos de Discursos, Imagens, Textos, Escritos e Comunicação. Atualmente é Professor Titular no Departamento de Letras – DL da UFSCar tendo defendido Tese Inédita sobre o percurso teórico-metodológico do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Camara Jr. Também atua como docente permanente e orienta pesquisas da Linha “Linguagem e Discurso” do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: baronas@ufscar.br.

discusses the importance of using Digital Platforms to promote debates and disseminate academic productions, reaching and engaging a wider audience. Finally, the interview addresses the prospects of the Popular Linguistics GT, such as holding events and proposing strategies to better promote this area of knowledge in Brazil, in an inclusive and meaningful way.

KEYWORDS: Popular linguistics; Scientific dissemination; ANPOLL.

Linguística Popular: pontos de partida e institucionalização

Entrevistadoras: Entre os Grupos de Trabalho (GTs) da *Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística* (ANPOLL), o GT dedicado à *Linguística Popular* foi criado mais recentemente, e o professor este à frente de sua proposição. Que razões motivaram a sua criação e que iniciativas têm sido adotadas por seus membros relativas à produção e divulgação científicas?

Roberto Leiser Baronas: Dado que eu vinha trabalhando com este tema há algum tempo, assim como alguns de meus orientandos, e dado haver um conjunto de pesquisas que tangenciam o tema e têm sido realizadas por vários colegas de diferentes instituições e áreas da Linguística e afins, decidimos propor a criação deste GT. Trata-se, na verdade, de mais um esforço no sentido da institucionalização da Linguística Popular no Brasil.

Há várias etapas que antecedem a reunião de pesquisadores em um Grupo de Trabalho como este. Durante o ano de 2021, concebemos e submetemos a proposta de criação deste GT à ANPOLL. Nossa proposta foi apreciada e aprovada em 2022 e, então, em 2023, pudemos participar como membros e nos reunir neste novo GT no ENANPOLL, que é o Encontro Nacional da ANPOLL.

Considerando o pouco tempo de criação do GT, entre as primeiras ações previstas de promoção e divulgação científica das pesquisas em Linguística Popular no Brasil, previmos a elaboração de um *ebook* com livre acesso cujos capítulos derivam de trabalhos que foram apresentados nesta edição da ENANPOLL, e a realização de uma mesa de debate remota, em plataforma digital de produção, armazenamento e compartilhamento de vídeo, para discutirmos esse *ebook* e as demais produções dos membros pesquisadores deste Grupo de Trabalho, junto aos seus programas de Pós-graduação.

Entrevistadoras: Em que medida a formação progressiva em Análise do Discurso da maior parte dos pesquisadores do GT é importante para a reflexão desse tema, dessa frente de

estudos de Linguística Popular, no Brasil? O que haveria de comum entre esses dois campos?

Roberto Leiser Baronas: A Análise do Discurso (AD) se constitui como uma transdisciplina ou, como a define a pesquisadora Eni Orlandi, trata-se de uma *disciplina de entremeio*³, que convoca reflexões de diferentes campos, como os das Ciências Sociais, da Linguística e da Psicanálise. É uma disciplina afeita, portanto, ao diálogo e ao contato com outras disciplinas. É por isso uma área que comporta várias perspectivas de análise da produção dos sentidos.

Mais recentemente, temos trabalhado com uma perspectiva específica da Análise do Discurso, especialmente aquela adotada pela professora Marie-Anne Paveau (2013, 2015, [2017] 2021) e outros pesquisadores, caracterizada por sua abordagem de viés sócio cognitivista. Esta perspectiva se fundamenta epistemologicamente nos estudos da sociocognição. Este é um dos pontos de contato com a Linguística Popular, que tem como um de seus fundamentos a sociocognição, porque busca justamente entender como os indivíduos constroem, compreendem e põem em circulação determinadas proposições prescritivas, descritivas, explicativas e valorativas sobre a língua.

Importância e desafios dos estudos linguísticos de contorno popular

Entrevistadoras: Dado que tanto a Sociolinguística quanto a Linguística Popular direcionam sua atenção ao estudo da fala e dos usos linguísticos, entre os quais aqueles considerados populares, em que essas áreas se distinguem quanto a seus objetivos e respostas científicas no campo dos estudos da linguagem?

Roberto Leiser Baronas: Para responder a essa questão, vou partir de uma discussão que os linguistas Dennis Richard Preston e Nancy A. Niedzielski fazem em seu livro *Folk Linguistics*⁴ que acredito ser o primeiro manual de Linguística Popular posto em circulação. Nesse manual os autores vão dizer que, embora a Sociolinguística e a Linguística Popular privilegiem os falantes e seus usos linguísticos, elas o fazem de forma distinta.

³ Cf. Orlandi (1997).

⁴ Cf. Niedzielski & Preston (2000).

A Sociolinguística, principalmente nas suas últimas ondas, vai privilegiar a análise das atitudes dos falantes em relação a sua língua e em relação à língua dos outros. Essas atitudes, segundo Preston e Niedzielski (2000), são atitudes conscientes, uma vez que os falantes avaliam seus usos, suas escolhas linguísticas e os usos e escolhas linguísticas dos outros. Já a Linguística Popular vai trabalhar não com a análise das atitudes linguísticas propriamente ditas e com sua avaliação, mas sim com a análise das crenças, hipóteses e opiniões que os falantes produzem sobre a sua língua e sobre a língua dos outros. Essas crenças, hipóteses e opiniões são baseadas em modelos culturais, uma espécie de subsistema que faz parte do aparato cultural/ideológico dos falantes e que pavimenta em termos prescritivos, descritivos, explicativos e valorativos o que esses falantes dizem sobre a sua língua e a língua dos outros. No âmbito da Linguística Popular, esses dizeres prescritivos, descritivos, valorativos e explicativos sobre a língua dos falantes podem ser compreendidos em termos de modalidades deônticas (a primeira), isto é, uma proposta de ação não diz o que uma língua é, mas o que se deve fazer com ela, e epistêmicas (as três últimas), ou seja, um conjunto de proposições sobre a língua. No caso da Sociolinguística, prevalece a modalidade epistêmica. Em suma, enquanto a Sociolinguística busca descrever os traços objetivos de uma determinada variedade linguística, a Linguística Popular procura compreender os traços, que segundo os seus falantes, descrevem a sua língua e a língua dos outros.

Em uma outra publicação, a versão atualizada do *Folk Linguistics*, Preston e Niedzielski (2003) afirmam não haver uma separação tão estanque entre as duas perspectivas. Segundo os autores, há uma espécie de *continuum* entre a Sociolinguística e a Linguística Popular.

Entrevistadoras: Parece-nos que esses estudos em Linguística Popular são recentes no mundo todo, e mais ainda no Brasil. Há alguma diferença entre aqueles que têm sido realizados atualmente no Brasil e aqueles que já vêm sendo realizados em outros países?

Roberto Leiser Baronas: A primeira e, talvez, a mais significativa diferença é esta para a qual vocês chamaram a atenção e que diz respeito ao fato da Linguística Popular ser um campo bastante novo no Brasil. As primeiras produções em Linguística Popular no Brasil remontam ao início de 2020, com a publicação de um dossiê especial na *Revista Fórum*

*Linguístico*⁵ da Universidade Federal de Santa Catarina e com a realização, neste mesmo ano, do primeiro *Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular* (SIELIPOP)⁶, na Universidade Federal de São Carlos.

Nos trabalhos de Linguística Popular produzidos no Brasil, apesar de sua inspiração nas pesquisas que vêm sendo realizadas no exterior, temos buscado nos diferenciar da corrente francesa, como tem sido desenvolvida por Marie-Anne Paveau e Guy Achard-Bayle (2008), da corrente anglo-saxônica, como é proposta por Preston e Niedzielski (2000, 2003), e da corrente germânica, como é proposta por Gerd Antos (1996), ou mesmo da corrente italiana segundo Santipolo (2012). Temos testado uma espécie de gesto antropofágico. Nosso esforço é o de melhor compreender e incorporar essas teorias para, no futuro, sem nenhum tipo de policarpeísmo acadêmico, produzirmos um gesto teórico que efetivamente nos diferencie de todas essas outras abordagens.

Iniciativas e próximos passos da Linguística Popular no Brasil

Entrevistadoras: Considerando esses esforços de institucionalização da teoria e de melhor sistematização das pesquisas realizadas pelos atuais membros do GT de Linguística Popular, quais são os próximos passos e ações para a sua maior difusão no Brasil?

Roberto Leiser Baronas: O processo de institucionalização da Linguística Popular no Brasil começou em 2020, durante a pandemia, período que, como todos nós testemunhamos, foi duplamente catastrófico por conta dos efeitos da pandemia e em função da gestão da extrema direita então na presidência do país. Dada a necessidade de distanciamento social, foi preciso adotar uma série de medidas de ensino e pesquisa de forma remota. Nessa ocasião, houve uma série de iniciativas relacionadas à divulgação da discussão e da produção científica compreendida no campo da Linguística Popular. Entre essas ações destacamos a oferta de disciplinas de Linguística Popular na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) no Programa de Pós-graduação em

⁵ Cf. Baronas & Cox (2019).

⁶ Disponível em: <https://sielipopufscar.wixsite.com/sielipop>.

Estudos de Linguagem pelo professor Marcelo Rocha Barros Gonçalves⁷, um dos principais representantes dessa frente de estudos e de seu processo de institucionalização no Brasil.

Uma outra iniciativa, também neste período, foi a oferta remota de outra disciplina, desta vez pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Linguística do *campus* de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O mesmo se deu na Universidade Federal de São Carlos, com a oferta de uma disciplina optativa em nível de graduação, com o título *Linguística Popular/Linguística Folk*. Fomos também convidados pelos professores Gabriel Othero⁸ e Valdir Flores⁹ para a organização de um capítulo introdutório dos estudos em Linguística Popular em uma coletânea dedicada aos estudos linguísticos da atualidade, recentemente lançada¹⁰. Merecem destaque também as recentes publicações, por um lado, do dossiê *Teorias e métodos em Linguística popular/Folk linguistics*, organizado por Dennis Preston, Marcelo Rocha Barros Gonçalves e Roberto Leiser Baronas, na Revista da ABRALIN (2023), e, por outro, o capítulo *Le portugais brésilien*, no livro *Manuel de Linguistique Populaire* (2024), co-autorado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Ligia Boin Menossi de Araujo.

Apesar de todas essas iniciativas institucionais e de todas as produções delas derivadas, é necessário ainda obtermos reconhecimento das agências de fomento, por exemplo, junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES), e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), assim como junto aos Departamentos e cursos das instituições de

⁷ Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e docente no Programa de Pós-Graduação em Letras do Câmpus de Três Lagoas. Membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM), da Comissão de Historiografia Linguística da ABRALIN e do GT em Historiografia Linguística da ANPOLL. Vice-presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Centro-Oeste (GELCO) - 2023/2024 e Coordenador do Curso de Letras - Português/Espanhol EAD/UFMS - 2023/2024.

⁸ Professor no Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É fundador (juntamente com Cassiano R. Haag) e editor, desde 2003, da Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL (ISSN 1678-8931, revel.inf.br) e coordenador da Coleção de Linguística da Editora Vozes (juntamente com Sérgio Menuzzi), desde 2014. Foi fundador da Editora da ABRALIN (juntamente com Valdir do Nascimento Flores e Miguel de Oliveira Jr.).

⁹ Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS, docente convidado na Université de Paris III e École Normale Supérieure - Paris/França, onde ministrou curso sobre a Recepção de Saussure e Benveniste no Brasil. Professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. Foi Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), entre 2011 e 2013.

¹⁰ Cf. Ávila Othero & Flores (2024).

Ensino Superior, para que a Linguística Popular se torne uma disciplina assim como a Sociolinguística, a Sintaxe, a Morfologia, a Análise do Discurso, a Fonética, a Fonologia, entre outras da área de Linguística.

Recentemente tivemos um projeto aprovado em Linguística Popular pelo CNPq, que envolve 6 instituições brasileiras de 5 regiões do Brasil: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a Universidade Federal de Tocantins (UFT), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Entre as ações previstas neste projeto coletivo, visamos coletar e analisar dados de falantes de todas essas regiões a partir de um questionário sobre o que as pessoas dizem do seu modo de falar e como avaliam o modo como se expressam, se positivamente ou negativamente, tendo em vista o imaginário que compartilham sobre o português brasileiro.

A partir disso, vamos propor materiais didáticos e oferecer cursos para professores e professoras dessas regiões brasileiras. É um projeto bastante ousado e que caminha no sentido dessa legitimação do conhecimento produzido na área. Além disso, vamos trabalhar para que a Linguística Popular possa vir a se constituir como uma linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar, bem como das demais instituições envolvidas. Apesar do pouco tempo de trabalho, temos um volume importante de produções que nos credencia a pleitearmos esse tipo de demanda junto aos programas de Pós-graduação, afinal a proposta de institucionalização da Linguística Popular se inicia aqui no Monjolinho, na UFSCar.

Recursos e dados digitais e seus usos pela Linguística Popular

Entrevistadoras: Sabendo do papel desempenhado pela Linguística Popular nos estudos da linguagem, e tomando como exemplo a recente produção de instrumentos linguísticos como o *Aurélia - O Dicionário da Língua Afiada*¹¹, em que medida o avanço das tecnologias digitais de produção e circulação de conteúdos pode afetar a produção e circulação de saberes populares, entre os quais os saberes linguísticos populares?

¹¹ Cf. Vip & Libi (2015).

Roberto Leiser Baronas: Marie-Anne Paveau ([2017] 2021), juntamente com profissionais da Ciência da Informação e da Ciência da Comunicação, acredita que o digital produz uma conversão. O digital de fato altera várias de nossas práticas, por exemplo, tomamos nossas refeições ou caminhamos, respondendo mensagens do *WhatsApp*, vendo vídeos etc. No bojo dessa conversão, está o digital.

Com o digital e seus meios, e com eles os lugares de fala, foi possível democratizar a produção e circulação de textos, entre os quais aqueles de maior prestígio. Não vou entrar aqui no papel nefasto da falta de regulamentação das plataformas, pois isso não está no escopo da entrevista. Antigamente quem possuía esse poder de fala geralmente era o homem branco e intelectual, ligado a uma instituição renomada. Hoje vemos pessoas que têm uma capacidade comunicativa e que se aventuram a falar sobre literatura, língua, fotografia, mesmo que não sejam especialistas que se beneficiem do respaldo de instituições.

Nem sempre o resultado é positivo. Há diversos vídeos com conteúdos ruins, com informações equivocadas. Por exemplo, há muita produção disponível sobre a Análise do Discurso em vídeos de não profissionais da área, nos quais são feitas afirmações imprecisas, distorcidas, como a de que Michel Pêcheux, um dos fundadores da AD na França, teria sido o orientador de Jean-Jacques Courtine. Na verdade, Pêcheux escreveu o texto de apresentação da tese de Courtine que, em 1981, foi publicada na íntegra em uma edição da revista *Langages*. Esta tese foi traduzida no Brasil, publicada aqui pela EdUFSCar, em 2009, por uma equipe de bacharéis em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão dos professores Maria Cristina Leandro Ferreira¹², docente da UFRGS, e Carlos Piovezani¹³ e Vanice Sargentini¹⁴, ambos docentes da UFSCar.

¹² Professora Titular do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenou, de 2003 a 2013, o Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD) realizado em Porto Alegre. Em 2008, fez estágio de pós-doutorado de um ano em Paris 3, na Université de la Sorbonne Nouvelle- sob supervisão de Jean-Jacques Courtine, com bolsa CAPES. Líder do Grupo " Oficinas de AD: conceitos em movimento", que reúne orientandos e pesquisadores com formação no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Editora-chefe da Revista *Organon* do Instituto de Letras da UFRGS de 2009 a 2018.

¹³ Professor associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e pesquisador do CNPq. Membro do conselho editorial de vários periódicos especializados, da Editora da ABRALIN e editor adjunto da Revista *Acta Semiótica et Linguística*. Atua na área de Teoria e análise linguística, com ênfase em Análise do discurso, História das ideias linguísticas e Retórica. Foi professor convidado na EHESS/Paris e professor visitante na Universidade de Buenos Aires (UBA).

¹⁴ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-doutorado na Université Paris III - Sorbonne Nouvelle (2008). Professora Titular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) de 1996 a 2019 e Sênior (2020). Professora visitante da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2020 - 2022). Na UFSCar foi Coordenadora do Curso de Letras

O ponto é que mesmo havendo desinformações, muitos problemas quanto ao conteúdo do que é apresentado, não se pode negar a importância do universo virtual como um espaço de fala mais democrático. Isso exige de nós, pesquisadores da área e consumidores dessas produções, uma capacidade de filtrar aquilo que é pertinente e aquilo que não é.

Nesse sentido, o espraiamento desses lugares de fala foi muito fértil para a Linguística Popular. Podemos nos deparar com centenas de pessoas com perfis nas mais variadas redes sociais falando sobre a língua. Algumas produções são interessantes, embora a grande maioria trate de questões de língua segundo um viés prescritivista, normativista ou seja, reproduzem regras de gramática normativa, repisadas e sem base em reflexões linguísticas de caráter descritivo e crítico.

Das produções interessantes podemos destacar a iniciativa de criação de um dicionário nomeado *Aurélia*, mencionado anteriormente, de autoria do jornalista Vitor Angelo e do pesquisador Fred Libi, composto de termos utilizados pela comunidade LGBTQIAP+. Trata-se de um trabalho de extrema importância não só para esta comunidade, mas também para que as pessoas conheçam todo um conjunto de formas linguísticas específicas empregadas por seus membros e decisivas na constituição de sua identidade, e que em geral não são contempladas nos dicionários convencionais. Esta é, portanto, uma iniciativa fundamental na luta pela visibilidade dessa comunidade.

Uma outra iniciativa como esta, é aquela do material patrocinado pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Conselho Nacional de Justiça, resultante de um belo trabalho feito por não-linguistas e oriundos de diferentes povos originários do norte do país que traduziram a Constituição Brasileira para o Nheengatu¹⁵. Essa publicação é um gesto político importante para que essas comunidades, falantes ou não do português, possam acessar aquilo que está expresso na Carta Magna em uma língua empregada por povos originários do Brasil. Estamos diante de um projeto feito por pessoas que não eram linguistas, nem tradutores. Sua condição de não-especialistas ou profissionais permite-nos designá-los como linguistas populares.

Estas e outras ações demonstram o campo fértil, especialmente no meio digital, para a produção e a difusão de conhecimentos oriundos da lavra de linguistas populares.

(1998-2001), Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística (2005-2007 e 2018-2019), Vice Coordenadora do curso de Bacharelado em Linguística (2009 -2010 e 2016- 2018), Coordenadora do curso de Bacharelado em Linguística (2011 a 2013).

¹⁵ Constituição da República Federativa do Brasil para a língua indígena Nheengatu (2023).

REFERÊNCIAS

ACHARD-BAYLE, Guy; PAVEAU, Marie-Anne (org.). **Linguistique populaire?** In: Revue Pratiques: linguistique, littérature e didactique, n. 139-140, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1168>. Acesso em: 09 out. 2024.

ANTOS, Gerd. **Laien Linguistik**, Tübingen: Niemeye, 1996.

BARONAS, Roberto Leiser; BONANI, Tamires Cristina; BOIN, Lígia Mara Menossi Araújo. Le portugais brésilien. In: BECKER, Lidia; HERLING, Sandra; WOCHELE, Holger, **Manuel de linguistique populaire**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2024, p. 367-386. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110489033-018>. Acesso em: 10 out. 2024.

BARONAS, Roberto; COX, Maria Inês Pagliatini [org.]. **Forum lingüístico**. Dossiê Linguística Popular. Florianópolis, v.16, n.4, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index>. Acesso em: 09 out. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Mundu Sa Turusu Waá: Ubêuwa Mayé Míra Itá Uikú Arãma Purãga Iké Braziu Upé**. Tradução de Dadá Baniwa, Edson Baré, Edilson Martins Baniwa, Melvino Fontes Olímpio, Sidinha Gonçalves Tomas, Dime Pompilho Liberato, Gedeão Arapyú, Frank Bitencourt Fontes, Francisco Cirineu Martins Melgueiro, George Borari, Cauã Borari, Inory Kanamari, Manuele Pimentel Serra, Lucas Ycard Marub. Coordenação: Marco Lucchesi, José Ribamar Bessa Freira, Luis Geraldo Sant'Ana Lanfredi, Andréa Jane Silva de Medeiros e Luanna Marley. Supremo Tribunal Federal, Conselho Nacional de Justiça. Brasília: CNJ, 2023. 196 p.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

NIEDZIELSKI, Nancy A.; PRESTON, Dennis Richard. **Folk Linguistics**. New York: Mouton de Gruyter, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1987.

OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento [org.]. **A Linguística hoje: historicidade e generalidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguística folk: uma introdução**. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020. Disponível em: <https://www.lettraria.net/linguistica-folk-uma-introducao/>. Acesso em: 09 out. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Éditions Lambert-Lucas, 2017.

PAVEAU, Marie-Anne. **A análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Tradução (orgs.) Júlia Lourenço e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editora, 2021.

PRESTON, Dennis; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; BARONAS, Roberto Leiser [org.]. Teorias e métodos em Linguística Popular/*Folk Linguistics*. **Revista da Abralin**, vol. 22, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/issue/view/91> . Acesso em: 09 out. 2024.

SANTIPOLO, Matteo. Folk Linguistics e didattica delle lingue: epistemologia di un rapporto e percorsi di ricerca. **EL.LE**, vol. 1, n. 2, p. 315-351, jul. 2012. Disponível em: <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/article/elle/2012/2/art-10.14277-2280-6792-20p.pdf>. Acesso em: 09 out. 2024.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a Dicionária da Língua Afiada**. São Paulo: Da Bispa, 2015.

Como referenciar esta entrevista:

BARONAS, Roberto Leiser. A Linguística Popular no Brasil. [Entrevista concedida a] Alice Rulli Araujo, Damaris de Souza Lages, Ester Fernandes de Oliveira, Gabriela Nogueira Barbosa, Julia da Costa Santos, Luzmara Curcino, Michelle Silva Veloso Bueno e Raphaella Moralez Magrini Staine **revista Linguasagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 108-118, 2024.